

Sobrevivência Planetária e Evolução da Consciência: Raízes Psicológicas da Violência Humana e da Ganância

Stanislav Grof, M.D., Ph.D.

Tradução de Álvaro Jardim



Resumo: As duas mais poderosas forças psicológicas na história humana têm sido, sem dúvida, a violência e a ganância. No entanto, a corrente global atual tem ampliado as conseqüências envolvidas. Mais povos foram mortos nos últimos cem anos do que existiram do alvorecer da humanidade até o último século. Temos o privilégio dúbio de sermos a primeira espécie na história natural a ter alcançado a capacidade de se erradicar e, nesse processo, destruir toda a vida neste planeta. Contudo a crise global atual é de natureza psicoespiritual e não pode ser resolvida, sem uma transformação interna radical da humanidade, em larga escala. Quando esta pareceria ser uma tarefa impossível, os conceitos teóricos recentes e as abordagens práticas de numerosas fontes do novo paradigma oferecem novas promissoras estratégias, que se incluem nas seguintes cinco categorias: desenvolvimento de uma nova imagem do universo e de uma compreensão mais esclarecedora da natureza humana e da psique; nova compreensão das raízes da agressão maligna e violência humana; novos insights sobre a natureza da ganância insaciável; abordagens experimentais facilitando a transformação pessoal positiva, a evolução da consciência, a psicologia transpessoal, a pesquisa da consciência e a crise global.

Tornou-se cada vez mais claro que a consciência não é um produto dos processos fisiológicos no cérebro, mas é um atributo primário da existência. Em última análise,

a psique individual de cada um de nós está comensurada com a totalidade da existência; a natureza mais profunda da humanidade não é animal, mas divina.

A agressão maligna não reflete a verdadeira natureza humana; ela está conectada a um domínio do inconsciente, a dinâmica perinatal que nos separa da nossa identidade mais profunda. Em geral, aqueles que iniciam atividades de guerra e violência estão, tipicamente, substituindo, por alvos externos, elementos de suas próprias psiques que deveriam ser propriamente enfrentados na auto-exploração pessoal. As circunstâncias do nascimento desempenham um papel importante em criar uma disposição à violência e tendências autodestrutivas ou para comportamentos amorosos e relacionamentos interpessoais saudáveis; assim, poderia haver um impacto enorme no grau de violência atuando no mundo, mudando as práticas do nascimento, tornando-as mais amáveis e delicadas.

As fontes perinatais da ganância encontram-se em um sentimento, o descontentamento e o desconforto com a situação presente, o que quer que ele possa ser. Como a criança emperrada no canal do nascimento, o indivíduo sente a necessidade de alcançar uma situação melhor que parece levar adiante, resultando numa estratégia de existência da “corrida do rato”, a qual é incapaz de levar à felicidade. As fontes transpessoais da ganância encontram-se na nossa separação de nossa verdadeira identidade com o divino, resultando no anseio por substituir satisfações – Projeto Atman.

Entretanto, a esperança encontra-se numa abordagem experiencial profunda, que facilita a transformação pessoal, através da morte e renascimento psicoespiritual e da conexão com as memórias positivas do pós-natal ou do pré-natal. Tais abordagens têm, consistentemente, resultado na emergência da espiritualidade profunda, de uma natureza universal e toda-abrangente, e de um desenvolvimento correspondente nos indivíduos, de profundos interesses humanitários e ecológicos.

A situação global atual exteriorizou muitos dos temas essenciais da dinâmica perinatal. Se continuarmos a atuar com a problemática das tendências destrutivas e autodestrutivas originadas nas profundidades do inconsciente, nós, indubitavelmente, destruiremos a nós próprios e a vida neste planeta. Entretanto, se procedêssemos na internalização deste processo, em uma escala extensa o bastante, poderia resultar em um progresso evolucionário, que nos levaria tão além da nossa condição presente como somos agora dos primatas. Assim, é essencial espalhar a informação sobre estas possibilidades, para transformação e evolução da consciência, e conseguir um número significativo de pessoas interessadas pessoalmente em alcançá-las. Nós parecemos estar envolvidos em uma corrida dramática com o tempo, sem nenhum precedente na história inteira da humanidade.

História Humana: Passado, Presente e Futuro

As duas mais poderosas forças psicológicas na história humana têm sido, sem dúvida, a violência e a ganância. A quantidade e o grau de atrocidades que foram cometidos durante todas as idades, nos vários países do mundo – muitos deles em nome de Deus – são verdadeiramente inimagináveis e indescritíveis. Podemos pensar aqui nos incontáveis cristãos, sacrificados nas arenas romanas para prover um espetáculo altamente procurado pelas massas; muitas centenas de milhares de vítimas da inquisição medieval foram torturadas, mortas e queimadas nos autos-de-fé; os massacres em massa nos altares de sacrifício dos Astecas; e os milhões de soldados e civis mortos nas guerras e revoluções de todos os tempos.

As hordas de Genghis Khan varreram a Ásia matando, saqueando e queimando cidades e vilarejos; o exército de Alexandre, o Grande, conquistou todos os países entre a Macedônia e a Índia; a impressionante propagação do Islamismo, pela espada e pelo fogo; a expansão do império romano; as Cruzadas; as aventuras de Cortez e de Pizarro; o colonialismo da Grã-Bretanha e de outros países europeus; e as guerras Napoleônicas – todos estes são exemplos de violência irrefreável e de ganância insaciável.

Esta tendência tem continuado de forma não-mitigada no século XX. Historicamente, mais povos foram mortos nos últimos cem anos do que existiram desde o alvorecer da humanidade até o último século. Um total de vinte milhões de homens e mulheres foi morto em campos de batalha da II Guerra Mundial e um igual número, em consequência das guerras, fora dos campos de batalha.

A expansão da Alemanha Nazista e os horrores do Holocausto, a dominação, por Stalin, da Europa Oriental e seu Arquipélago Gulag, o terror civil na China Comunista e as ditaduras Sul Americanas, as atrocidades e genocídios cometidos pelos chineses no Tibete, as crueldades do apartheid Sul Africano, as guerras na Coreia e Vietnã, e os recentes derramamentos de sangue na Iugoslávia e Ruanda são apenas alguns exemplos salientados, de massacres humanos sem sentido, que temos testemunhado, durante os últimos cinquenta anos.

A ganância humana também encontrou novas formas de expressão, menos violentas, na filosofia e estratégia da economia capitalista, que enfatiza o aumento do produto interno bruto, no “crescimento ilimitado”, na espoliação temerária de recursos naturais não-renováveis, no consumo conspícuo e na “obsolescência planejada”. Além disso, grande parte dessa política econômica de consumo, que tem consequências ecológicas desastrosas, tem sido orientada para a produção de armas com poderes destrutivos cada vez maiores.

No passado, a violência e a ganância tinham conseqüências trágicas, para os indivíduos envolvidos nos encontros destrutivos, assim como, para suas famílias imediatas. Porém, elas não ameaçavam a evolução da espécie humana como um todo e, certamente, não representavam um perigo para o ecossistema e para a biosfera do planeta. Mesmo após as guerras mais violentas, a natureza foi capaz de reciclar as conseqüências e recuperar-se completamente em algumas décadas. Essa situação mudou radicalmente no curso do século XX. O rápido progresso tecnológico, o crescimento exponencial da produção industrial, a maciça explosão populacional e, principalmente, a descoberta da energia atômica modificaram para sempre as equações implicadas.

No curso desse século, testemunhamos mais descobertas científicas e tecnológicas, em uma mesma década, ou, até mesmo, em um ano, do que foram experienciados em todo um século, pelas pessoas dos períodos históricos anteriores. Contudo, esses impressionantes sucessos intelectuais levaram a humanidade moderna à beira de uma catástrofe global, já que não foram igualados por um crescimento emocional e maturidade moral compatíveis. Temos o privilégio dúbio de sermos a primeira espécie na história natural a ter alcançado a capacidade de se erradicar e, nesse processo, destruir toda a vida neste planeta.

A história intelectual da humanidade tem triunfos incríveis. Conseguimos aprender os segredos da energia nuclear, enviar espaçonaves à lua e todos os planetas do sistema solar, transmitir sons e imagens coloridas para todo o globo e pelo espaço cósmico, romper o código do DNA e começar a fazer experiências de clonagem e de engenharia genética. Ao mesmo tempo, essas tecnologias superiores estão sendo usadas a serviço de emoções primitivas e impulsos instintivos, que não são muito diferentes daqueles que dirigiam o comportamento da Idade da Pedra.

Quantias inimagináveis têm sido gastas na insanidade da corrida armamentista e, até mesmo, o uso de uma fração minúscula do arsenal atômico existente destruiria toda a vida, na face da terra. Dezenas de milhões de pessoas foram mortas nas duas guerras mundiais e em outros incontáveis confrontos violentos, que ocorreram por motivos ideológicos, raciais, religiosos ou econômicos. Centenas de milhares foram brutalmente torturadas pela polícia secreta de vários sistemas totalitários. A ganância insaciável esta levando as pessoas à perseguição frenética de lucros e aquisições de propriedades pessoais, além de qualquer limite razoável. Essa estratégia resultou em uma situação na qual, além do fantasma de uma guerra nuclear, a humanidade está ameaçada por vários outros cenários do Juízo Final, sem espetáculo, mas insidiosos e mais previsíveis.

Entre eles estão: a poluição industrial do solo, da água e do ar, a ameaça de acidentes e lixo nucleares, a destruição da camada de ozônio, o efeito estufa, a possível perda do oxigênio do planeta, através do desmatamento temerário e do

envenenamento do plâncton oceânico e os perigos de aditivos tóxicos em nossa comida e bebida. A isso, podemos acrescentar vários desenvolvimentos de natureza menos apocalíptica, mas igualmente perturbadora, tais como a extinção de espécies acontecendo em proporções astronômicas, a falta de moradia e a fome de uma porcentagem significativa da população mundial, a deterioração da família e crises de paternidade e maternidade, o desaparecimento de valores espirituais, a falta de esperança e perspectivas positivas a perda da conexão significativa com a natureza e a alienação generalizada. Como resultado de todos os fatores acima, a humanidade agora vive uma angústia crônica, à beira de uma catástrofe nuclear e ecológica, enquanto possui uma tecnologia fabulosa, semelhante ao mundo da ficção científica.

A ciência moderna desenvolveu eficazes meios, no mundo atual, que poderiam resolver a maior parte dos problemas urgentes – combater a maior parte das doenças, eliminar a fome e a pobreza, reduzir a quantidade de lixo industrial e substituir os combustíveis fósseis destrutivos por fontes de energia limpas e renováveis. Os problemas que se interpõem não são de natureza econômica ou tecnológica: suas fontes mais profundas encontram-se dentro da personalidade humana. Por causa disso, recursos inimagináveis têm sido desperdiçados, no absurdo da corrida armamentista, nas lutas por poder e na busca de “crescimento ilimitado”. Esse motivo também impede uma mais apropriada distribuição de riqueza, entre indivíduos e nações, assim como uma reorientação de preocupações puramente econômicas e políticas para prioridades ecológicas, que são críticas para a continuidade da vida no planeta.

Negociações diplomáticas, medidas administrativas e legais, sanções econômicas e sociais, intervenções militares e outros esforços semelhantes têm obtido muito pouco sucesso. Na realidade, eles freqüentemente têm produzido mais problemas do que resolvido. Torna-se cada vez mais claro porque estavam fadados ao fracasso. As estratégias usadas para aliviar essa crise estão, desde o início, enraizadas na mesma ideologia que a criou. Em última análise, a atual crise global é basicamente de natureza psicoespiritual: ela reflete o nível de evolução de consciência da espécie humana. É, portanto, difícil imaginar que ela possa ser resolvida sem uma radical transformação interna da humanidade, em larga escala, e sua elevação a um nível mais alto de maturidade emocional e consciência espiritual.

A tarefa de instilar a humanidade com um conjunto de valores e objetivos totalmente diferentes pode parecer demasiadamente irreal e utópica para oferecer qualquer esperança real. Considerando o papel proeminente da violência e da ganância na história da humanidade, a possibilidade de transformar a humanidade moderna em uma espécie de indivíduos capazes de coexistência pacífica com outros homens e mulheres sem distinção de raça, cor, credo religioso ou convicção política, sem falar nas outras espécies, certamente não parece muito plausível. Estamos perante a necessidade de instilar a humanidade com profundos valores éticos, sensibilidade às

necessidades alheias, aceitação voluntária da simplicidade e uma consciência aguda dos imperativos ecológicos. À primeira vista, tal tarefa parece demasiado fantástica, até mesmo para um filme de ficção científica.

Contudo, embora a situação seja séria e crítica, ela não é tão desalentadora quanto pode parecer. Após mais de quarenta anos de estudos intensivos de estados holotrópicos de consciência, cheguei à conclusão de que os conceitos teóricos e as abordagens práticas, desenvolvidas pela psicologia transpessoal, uma disciplina que está tentando integrar a espiritualidade ao novo paradigma emergente na ciência ocidental, podem ajudar a aliviar a crise, que estamos enfrentando. Eles estão em total concordância com a sabedoria perene das grandes filosofias espirituais do Leste e das tradições místicas do mundo.

As observações e insights dos campos da moderna pesquisa da consciência, psicologia transpessoal e paradigma emergente que são relevantes do ponto de vista da atual situação no mundo estão dentro das seguintes cinco categorias:

- Desenvolvimento de uma nova imagem do universo e de um mais compreensivo entendimento da natureza humana e da psique em lugar dos modelos comportamentalista e Freudiano;
- Nova compreensão das raízes da agressão maligna e da violência humana;
- Novos insights sobre a natureza da ganância insaciável;
- Abordagens experienciais facilitando a transformação pessoal positiva e a evolução da consciência;
- Psicologia Transpessoal, pesquisa da consciência e crise global.

Nova Imagem do Universo, a Psique e a Natureza Humana

Em anos recentes, muitos autores ressaltaram que um fator significativo para o desenvolvimento da crise global tem sido o paradigma newtoniano cartesiano e o materialismo monístico, que têm dominado a ciência ocidental, nos últimos trezentos anos. Ele retrata o universo como um gigante, uma completa super máquina determinista governada por leis mecânicas e envolve uma forma de dicotomia entre mente e natureza. A imagem do Cosmos, como um sistema mecânico, tem levado a acreditar que pode ser adequadamente conhecido, através de sua dessecação, estudando todas as suas partes.

Além disso, elevando a matéria como princípio mais importante do cosmo, a ciência ocidental reduz a vida, a consciência e a inteligência a serem seus subprodutos acidentais. Nesse contexto, os humanos parecem ser nada mais do que animais altamente desenvolvidos. Isso levou à aceitação do antagonismo, da competição e da darwiniana “sobrevivência dos mais capazes”, como princípios a governar a sociedade humana. Mais que isso, a descrição da natureza como inconsciente deu

uma justificativa para a sua exploração pelos humanos, de acordo com o programa tão eloqüentemente formulado por Francis Bacon.

A psicanálise pintou um quadro pessimista dos seres humanos, como criaturas cujas forças motivadoras primárias são os instintos animais. Segundo Freud, se não tivéssemos medo das repercussões sociais e não fôssemos controlados pelo superego (proibições e regras paternas/maternas internalizadas), mataríamos e roubaríamos indiscriminadamente, cometeríamos incesto e nos envolveríamos, de modo desenfreado, em sexo promíscuo. Essa imagem da natureza humana relegou conceitos tais como complementaridade, sinergia, respeito mútuo e cooperação pacífica ao território de estratégias oportunistas e temporárias ou ingênuas fantasias utópicas. Não é difícil ver como esses conceitos e os sistemas de valores a eles associados têm ajudado a criar a crise com a qual nos deparamos.

Contudo, durante os últimos vinte e cinco anos, desenvolvimentos revolucionários na ciência ocidental têm trazido evidências convincentes para uma compreensão radicalmente diferente do Cosmos, dos seres humanos e da psique. Tem se tornado cada vez mais claro que a consciência não é um produto dos processos fisiológicos no cérebro, mas sim um atributo primário da existência. O universo é imbuído com inteligência criativa, e a consciência está inextricavelmente entrelaçada em sua textura. A moderna pesquisa da consciência tem mostrado que a estrutura conceitual da psiquiatria tradicional e da psicologia – a qual reduz a psique humana à biologia, à biografia pós-natal, e ao inconsciente individual freudiano – é superficial, inadequada, e incorreta.

Em estados incomuns de consciência – tais como meditação sistemática, rituais xamânicos, experiências próximas da morte, sessões psicodélicas, formas poderosas de psicoterapias experienciais tais como renascimento, respiração holotrópica, terapia primal e crises psicoespirituais espontâneas – a psique pode se estender muito além de limites estreitos. É possível transcender a dinâmica do inconsciente dominada pelos instintos animais e conectar aos domínios transpessoais. Em última análise, a psique individual de cada um de nós está comensurada com a totalidade da existência; a natureza mais profunda da humanidade não é animal, mas divina. Essa compreensão da existência provê uma base natural para reverência da vida, cooperação e sinergia, no que diz respeito à humanidade e ao planeta como um todo e consciência ecológica profunda.

Nova Compreensão das Raízes da Agressão Maligna e da Violência Humana

Os modernos estudos do comportamento agressivo começaram com as descobertas no campo da evolução, feitas por Charles Darwin (1859/1952), que marcaram época, nos meados do século passado. As tentativas de explicar a agressividade humana, a partir de nossa origem animal, geraram conceitos teóricos tais como a imagem do

“macaco nu”, de Desmond Morris (1967), a idéia do “imperativo territorial”, de Ardrey (1961), o “cérebro triuno”, de Paul MacLean (1973) e as explicações biossociológicas, que interpretam a agressividade em termos de estratégias genéticas dos “genes egoístas”, de Richard Dawkins (1976). Modelos mais refinados sobre o comportamento, desenvolvidos por pioneiros em etologia, como Konrad Lorenz (1963), Nikolaas Tinbergen (1965) e outros – complementaram a ênfase mecânica nos instintos, através de estudos de elementos ritualísticos e motivacionais.

Quaisquer teorias sugerindo, que a tendência humana à violência simplesmente reflete a nossa origem animal, são inadequadas e não convencem. Os animais se mostram agressivos quando têm fome, defendem seu território ou competem por sexo. A violência mostrada pelos humanos, à qual Erick Fromm (1973) denominou “agressão maligna”, não encontra paralelos no reino animal. A concepção de que a agressão humana não pode ser adequadamente explicada, como resultante da evolução filogenética, levou à formulação de teorias psicodinâmicas e psicossociais que consideram uma parte significativa da agressão humana como um fenômeno, que foi aprendido. Essa tendência teórica começou no fim dos anos 30, com a monografia “Frustração e Agressão”, por Dollard e Miller (1939).

As teorias psicodinâmicas tentam explicar a agressão, especificamente humana, como uma reação a frustrações, abuso e falta de amor na infância. Contudo, explicações deste tipo falham penosamente em explicar as formas extremas de violência individual (tais como os assassinatos em série do Estrangulador de Boston, crimes seriais do tipo de Geoffrey Dahmer ou o do homem da arma branca do Texas), crimes cometidos por gangues e grupos criminosos (como o assassinato de Sharon Tate ou os levantes nas prisões) e, particularmente, os fenômenos de sociedade de massa como o nazismo, comunismo, guerras sanguinárias, revoluções, genocídios e campos de concentração.

Nas últimas décadas, a pesquisa psicodélica e as psicoterapias experienciais profundas puderam jogar muita luz no problema da agressividade humana. Esse trabalho revelou que as raízes deste aspecto problemático e perigoso da natureza humana são muito mais profundas e formidáveis do que a psicologia jamais imaginou. Contudo, esse trabalho também descobriu abordagens extremamente eficazes, que têm o potencial de neutralizar e transformar esses elementos violentos na personalidade humana. Além disso, essas observações indicam que a agressão maligna não reflete a verdadeira natureza humana. Ela está conectada em um domínio de dinâmica inconsciente, que nos separa de nossa identidade mais profunda. Quando alcançamos os reinos transpessoais, que estão além dessa camada, tomamos consciência que nossa natureza real é divina ao invés de bestial. Esta descoberta é completamente congruente com a compreensão descrita nos antigos Upanishads indiano, através da frase “Tat tvam asi” (Thou art That) – significando que, em última análise, cada um de nós é idêntico ao princípio criativo do universo.

Fontes Perinatais da Violência

Não há dúvida de que a agressão maligna está conectada em traumas e frustrações na infância. Contudo, a moderna pesquisa da consciência tem revelado adicionais e significativas raízes da violência humana nos recônditos profundos da psique que estão além da biografia pós-natal e que estão relacionadas ao trauma do nascimento biológico. A emergência vital, dor e sufocação experimentadas por muitas horas, durante o nascimento biológico, geram enormes quantidades de ansiedade e agressão assassina que ficam alojadas no organismo. Como vimos anteriormente, reviver o nascimento, em várias formas de psicoterapia experiencial, não apenas envolve a reprodução concreta das emoções e sensações originais, mas também é tipicamente associada a várias experiências do inconsciente coletivo retratando cenas de violência inimagináveis. Entre elas encontram-se seqüências que representam guerras, revoluções, levantes raciais, campos de concentração, totalitarismo e genocídio.

Essa emergência espontânea, dos temas sociopolíticos e insights, durante o processo perinatal, tornou possível fazer muitas conclusões específicas, sobre a dinâmica psicológica envolvida. Naturalmente, as guerras e revoluções são fenômenos extremamente complexos com dimensões históricas, econômicas, políticas, religiosas e outras. A intenção aqui não é a de oferecer uma explicação reducionista, substituindo todas as outras, mas sim adicionar alguns novos insights, relativos às dimensões psicológicas espirituais dessas formas de psicopatologia social, que têm sido negligenciadas ou que só receberam um tratamento superficial pelas teorias anteriores.

As imagens de violentos eventos sociopolíticos, que acompanham o reviver do nascimento biológico, tendem a surgir em estreita conexão específica com os estágios consecutivos do processo de nascimento. Esses estágios distintos do processo de nascimento eu denominei matrizes perinatais básicas, MPBs, de forma abreviada. Quando revivemos episódios da existência intra-uterina imperturbada (um exemplo de experiência de Matriz Perinatal Básica I, ou MPB I), tipicamente experienciamos imagens de sociedades humanas com uma estrutura social ideal, culturas que vivem em total harmonia com a natureza (e.g., prístinas Ilhas Polinesianas) ou futuras sociedades utópicas, nas quais todos os grandes conflitos já foram solucionados. Memórias intra-uterinas perturbadoras (útero tóxico, aborto natural iminente ou tentativa de aborto) são acompanhadas por imagens de grupos humanos vivendo em áreas industriais, onde a natureza está poluída e estragada ou em territórios com uma ordem social insidiosa e paranóia generalizada.

Experiências regressivas relacionadas ao primeiro estágio clínico do nascimento (em minha terminologia, MPB I), durante o qual o útero contrai-se periodicamente, mas o seu colo ainda não está aberto, apresentam um quadro diametralmente diferente.

Elas retratam sociedades opressivas e totalitárias, com fronteiras fechadas, vitimando suas populações e “asfixiando” a liberdade pessoal (Rússia czarista ou comunista, o Terceiro Reich de Hitler, as ditaduras na América do Sul e apartheid da África) ou trazem imagens específicas de prisioneiros dos campos de concentração nazistas e do Arquipélago de Gulag, de Stalin. Quando experienciamos essas cenas infernais, identificamo-nos exclusivamente com as vítimas e sentimos uma profunda empatia pelos oprimidos e injustiçados.

As experiências que acompanham o reviver do segundo estágio clínico do parto (MPB III), quando o colo do útero está dilatado e as contrações contínuas propulsionam o feto, através da passagem estreita do canal de parto, retratam uma rica panóplia de cenas violentas – guerras e revoluções sanguinolentas, matanças de humanos ou animais, mutilações, abusos sexuais e assassinatos. Essas cenas costumam conter elementos demoníacos e temas escatológicos repulsivos. Outras concomitâncias freqüentes são as visões de cidades em chamas, lançamento de foguetes e explosões de bombas nucleares. Nestas, não ficamos limitados ao papel de vítimas, mas participamos dos três papéis – o de vítima, de agressor e o de um observador emocionalmente envolvido.

Os eventos que caracterizam o terceiro estágio clínico do parto (MPB IV) – o momento do parto em si e da separação da mãe, são tipicamente acompanhados por imagens de vitória em guerras e revoluções, liberação de prisioneiro e sucesso de esforços coletivos, tais como movimentos patrióticos ou nacionalistas. Nesse momento, também podemos experimentar visões de celebrações ou paradas triunfais ou de animadas reconstruções de pós-guerra.

Em 1975, apresentei essas observações, ligando os levantes sociopolíticos aos estágios do nascimento biológico, em *Realms of the Human Unconscious* (Grof, 1975). Logo após essa publicação, recebi uma carta de Lloyd de Mause, um psicanalista e jornalista de Nova Iorque. De Mause é um pioneiro no campo da psichistória, uma disciplina que aplica as descobertas da psicologia profunda à história e à ciência política. Os psichistoriadores estudam questões tais como a relação entre a história infantil dos líderes políticos e seus sistemas de valores e processos de tomada de decisões ou a influência das práticas de educação infantil sobre a natureza das revoluções, daquele período histórico específico. Lloyd de Mause ficou muito interessado em minhas descobertas relativas ao trauma de nascimento e suas possíveis implicações sociopolíticas, porque elas forneciam um apoio independente para sua própria pesquisa. De Mause vinha estudando, há algum tempo, os aspectos psicológicos dos períodos que precediam guerras e revoluções. Ele pesquisava como os líderes militares conseguiam mobilizar massas de civis pacíficos e as transformava, praticamente da noite para o dia, em máquinas mortíferas. Sua abordagem desse problema foi muito original e criativa. Além da análise tradicional das fontes históricas, ele coletou dados, de grande importância

psicológica, de caricaturas, piadas, sonhos, imagens pessoais, lapsos de fala, comentários laterais de palestrantes e até mesmo de rabiscos em rascunhos de documentos políticos. Quando entrou em contato comigo, ele já havia analisado, dessa forma, dezessete situações das quais precederam o início de guerras e levantes revolucionários, abrangendo vários séculos, desde a antiguidade até o presente.

Ele ficou impressionado pela extraordinária abundância de figuras retóricas, metáforas e imagens relacionadas ao nascimento biológico que encontrou nesse material (de Mause, 1975). Líderes militares e políticos de todas as épocas, referindo-se a uma situação crítica ou declarando guerra, tipicamente usavam termos que descrevem vários aspectos da angústia perinatal. Eles acusavam o inimigo de asfixiar e estrangular seu povo, de tirar o último ar de seus pulmões ou confiná-los e não lhes dar espaço suficiente para viver (“Lebensraum” de Hitler). De igual frequência eram as alusões a cavernas escuras, túneis e labirintos confusos, abismos perigosos para dentro dos quais podiam ser empurrados e a ameaça de ser engolfado pela traiçoeira areia movediça ou por um redemoinho aterrador. De maneira semelhante, a oferta de resolução da crise surge na forma de imagens perinatais. O líder promete salvar sua nação de um traiçoeiro labirinto, de guiá-la à luz do outro lado do túnel e criar uma situação na qual o agressor e opressor perigosos serão dominados e todos poderão respirar livremente de novo.

Na época, os exemplos históricos de Lloyd de Mause incluíam personagens como Alexandre – o Grande, Napoleão, Samuel Adams, o Kaiser Guilherme II, Hitler, Khrushchev e Kennedy. Samuel Adams, falando sobre a Revolução Americana, referiu-se a “o filho da independência lutando para nascer”. Em 1914, o Kaiser Guilherme declarou que “a monarquia foi pega pela garganta e forçada a escolher entre deixar-se estrangular e fazer um último esforço para sair do fosso e defender-se do ataque”. Durante a crise dos mísseis em Cuba, Krushchev escreveu para Kennedy, rogando que as duas nações não “se debatessem como toupeiras cegas lutando até a morte dentro de um túnel”. Mais explícita ainda, foi a mensagem codificada usada pelo embaixador japonês, Kuruusu, quando telefonou para Tóquio para dizer que as negociações com Roosevelt foram interrompidas e que se podia ir avante com o bombardeio sobre Pearl Harbor. Ele anunciou que “o nascimento da criança era iminente” e perguntou como estavam as coisas no Japão: “Parece que a criança pode nascer?”. A resposta foi: “Sim, o nascimento da criança parece iminente”. Curiosamente, a inteligência norte-americana que a interceptou, reconheceu o significado do código de “guerra-como-nascimento”.

Particularmente enregelante foi o uso da linguagem perinatal em conexão com a explosão da bomba atômica em Hiroshima. O avião recebeu o nome da mãe do piloto, Enola Gay, a bomba levava pintado em si o apelido “O Menininho” e a mensagem combinada, a ser mandada para Washington como sinal da explosão

bem-sucedida foi “O bebê nasceu”. Não seria nenhum exagero ver a imagem de um recém-nascido também atrás do apelido da bomba de Nagasaki, “Homem Gordo”.

Desde a época de nossa correspondência, Lloyd de Mause juntou muitos outros exemplos históricos e refinou sua tese de que a memória do trauma de nascimento desempenha um importante papel, como fonte de motivação, para a atividade social violenta.(veja, e.g., de Mause, 1982, 1996).

As questões relacionadas à guerra nuclear são de tamanha relevância, que eu gostaria de discorrer sobre elas, usando as informações de um artigo fascinante, da autoria de Carol Cohn (1987), intitulado “Sex and death in the rational world of defense intellectuals”. Os intelectuais da defesa são civis, que entram e saem do governo, às vezes trabalhando como funcionários administrativos ou consultores, e, às vezes, em universidades e institutos de pesquisa para desenvolvimento de guerra. Eles criam as teorias, que informam e legitimam a prática estratégica nuclear dos Estados Unidos – como gerenciar a corrida armamentista, como embargar o uso de armas nucleares, como travar uma guerra nuclear se o embargo falhar e como explicar porque não é seguro viver sem armas nucleares.

Carol Cohn participou de um seminário de verão, de duas semanas, sobre armas nucleares, doutrina de estratégia nuclear e controle de armamentos. Ela ficou tão fascinada com o que viu e ouviu, que passou o ano seguinte imersa em um mundo quase totalmente masculino de intelectuais de defesa (com exceção das secretárias). Ela coletou alguns dados extremamente interessantes, confirmando a dimensão perinatal da guerra nuclear. Em sua própria terminologia, esse material confirma a importância do tema do “nascimento masculino” e da “criação masculina” como importantes forças psicológicas que subjazem à psicologia da guerra nuclear. Ela usa os exemplos históricos a seguir para ilustrar seu ponto de vista.

Em 1942, Ernest Lawrence mandou um telegrama para um grupo de físicos, que desenvolviam uma bomba nuclear em Chicago, que dizia: “Parabéns aos novos pais. Mal posso esperar para ver o recém-chegado”. Em Los Alamos, a bomba atômica foi chamada de “bebê de Oppenheimer”. Richard Feynman escreveu, em seu artigo “Los Alamos por dentro”, que recebeu um telegrama, quando estava em licença temporária, após a morte de sua esposa, que dizia: “Esperamos o bebê para o dia tal”.

Nos laboratórios Lawrence Livermore, a bomba de hidrogênio foi chamada de “Bebê do Teller”, embora aqueles que queriam depreciar a contribuição de Edward Teller dissessem que ele não era o pai da bomba, mas sim a mãe. Eles reivindicavam, que Stanislaw Ulam era o pai real, pois ele teve todas as idéias importantes e “a concebeu” e Teller apenas “carregou-a” depois disso. Termos relacionados à maternidade também foram usados para a “nutrição” – a manutenção dos mísseis.

O general Grove enviou uma triunfal mensagem telegráfica codificada para o secretário de guerra Henry Stimson, na conferência de Potsdam, relatando o sucesso do primeiro teste atômico: “Doutor acaba de voltar entusiasmado e confiante que o menininho seja tão potente quanto seu irmão mais velho. A luz em seus olhos, discernível daqui até Highhold e eu poderia ter escutado seus gritos, daqui até minha fazenda”. Stimson, por sua vez, informou Churchill, escrevendo-lhe um bilhete que dizia: “Bebês nasceram satisfatoriamente”.

William L. Lawrence testemunhou o teste da primeira bomba atômica e escreveu: “A grande explosão aconteceu cerca de cem segundos depois do primeiro clarão – o primeiro grito de um mundo recém-nascido”. O jubiloso telegrama de Edward Teller anunciando o sucesso do teste com a bomba de hidrogênio “Mike”, para Los Alamos, no atol de Eniwetok das ilhas de Marshall, dizia: “É um menino”. Cientistas do sexo masculino fizeram nascer uma cria com o poder supremo de dominação sobre a natureza feminina.

O simbolismo do “Menininho”, de Enola Gay e o “O bebê nasceu”, da bomba de Hiroshima, e o simbolismo do “Homem Gordo”, da bomba de Nagasaki já foram mencionados anteriormente.

Carol Cohn também menciona, em seu trabalho, a abundância de simbolismo claramente sexual, na linguagem dos intelectuais da defesa. A natureza desse material, ligando sexo a agressão, dominação e exibição escatológica, demonstra uma profunda semelhança com as imagens, que ocorrem no contexto das experiências do nascimento (terceira MPB). Cohn usou os seguintes exemplos: a dependência norte-americana de armas nucleares foi explicada como irresistível, porque “você ganha mais explosão pelo seu dinheiro”. A explicação de um professor do porque se deveria colocar os mísseis MX nos silos dos mísseis Minuteman mais novos, em substituição aos antigos e menos exatos: “Você não vai pegar seu melhor míssil e enfiá-lo em um buraco qualquer”. Em dado momento, houve uma séria preocupação de que “Temos que endurecer nossos mísseis, porque os dos russos são um pouco mais duros”. Um consultor militar do Conselho de Segurança Nacional fez uma referência a “soltar setenta a oitenta por cento da nossa megatonelagem em uma explosão orgástica”.

As palestras eram plenas, em termos, como lançadores eretos e verticais, proporções impulso-peso, assentamento suave, penetração profunda e as vantagens comparativas, entre ataques prolongados versus espasmódicos. Outro exemplo era o popular costume dos visitantes, dos submarinos nucleares, acariciarem os mísseis, visto por Carol Cohn como uma expressão da supremacia fálica e das tendências homo-eróticas. A vista desse material, fica claro ser bastante apropriado que críticas feministas da política nuclear falem de “inveja do míssil” e “veneração fálica”.

Suportes adicionais do papel central do domínio perinatal do inconsciente na psicologia da guerra podem ser encontrados no excelente livro de Sam Keen, "The faces of the enemy" (As faces do inimigo – Keen, 1988). Keen juntou uma impressionante coleção de distorcidos e tendenciosos pôsteres, quadrinhos de propaganda e caricaturas de guerra, de vários países e períodos históricos. Ele demonstrou, que o meio usado para retratar e descrever o inimigo, durante uma guerra ou revolução, é um estereótipo, que apresenta variações mínimas e tem muito pouco haver com as características verdadeiras dos países e culturas em jogo.

Ele dividiu essas imagens em várias categorias arquetípicas, de acordo com as características prevalentes (e.g., estranho, agressor, oponente respeitável, sem cara, inimigo de Deus, bárbaro, ganancioso, criminoso, torturados, estuprador, morte). De acordo com Keen, as imagens atribuídas ao inimigo são essencialmente projeções dos aspectos da sombra, que são reprimidos e não reconhecidos, ou seja, do nosso próprio inconsciente. Embora possamos encontrar guerras justas na história, aqueles que iniciam as atividades guerreiras estão tipicamente substituindo, por alvos externos, os elementos de suas próprias psiques, que deveriam ser encarados adequadamente na auto-exploração pessoal.

A estrutura teórica de Sam Keen não inclui especificamente o domínio perinatal do inconsciente. Contudo, a análise do material pictográfico por ele coletado revela uma preponderância de imagens simbólicas, características da segunda e terceira MPBs. É típico que o inimigo seja retratado como um povo perigoso, um dragão malvado, uma hidra com várias cabeças, uma gigantesca tarântula venenosa ou um leviatã devorador. Outros símbolos utilizados com frequência são os de felinos ou pássaros predadores, tubarões monstruosos e cobras malignas, principalmente as víboras e constritoras. Cenas retratando estrangulamento ou esmagamento, redemoinhos gigantesco e areias movediças traiçoeiras também são abundantes nas imagens, que retratam os tempos de guerra, revoluções e crises políticas. A justaposição das imagens, oriundas dos estados holotrópicos de consciência, que retratam experiências perinatais, com a documentação histórico-pictográfica coletada por Lloyd de Mause e Sam Keen, representa uma forte evidência de raízes perinatais na violência humana.

Segundo os novos insights, fornecidos conjuntamente por observações da pesquisa de consciência e pelas descobertas da psichistória, todos nós carregamos poderosas energias e emoções associadas ao trauma de nascimento, no inconsciente profundo, que não conseguimos dominar e assimilar adequadamente. Para alguns de nós, esse aspecto de nossa psique pode ser totalmente inconsciente até e a não ser que embarquemos em algum tipo de auto-exploração profunda, com o uso de psicodélicos, ou poderosas técnicas experienciais de psicoterapia, tal como a respiração holotrófica ou o renascimento. Outros podem ter graus variados de

percepção das emoções e sensações físicas armazenadas no nível perinatal do inconsciente.

A ativação desse material pode levar a graves psicopatologias individuais, inclusive à violência sem motivo. Parece que, por causas desconhecidas, a interferência dos elementos perinatais pode aumentar, simultaneamente, em grande número de pessoas. Isso cria então uma atmosfera generalizada de tensão, ansiedade e antecipação. O líder é um indivíduo que está sob uma influência mais forte das energias perinatais do que uma pessoa comum. Ele também tem a habilidade de repudiar seus sentimentos inaceitáveis (a Sombra na terminologia de Jung) e de projetá-los em uma situação externa. Culpam o inimigo pelo desconforto coletivo e oferecem uma intervenção militar como solução.

A guerra oferece uma oportunidade para superar as defesas psicológicas, que normalmente mantêm as tendências perinatais perigosas em cheque. O superego Freudiano, uma força psicológica que exige restrição e comportamento civilizado, é substituído pelo “superego da guerra”: Nós agora recebemos elogios e medalhas pelos mesmos comportamentos que são inaceitáveis e passíveis de punição em tempos de paz – assassinato, destruição indiscriminada e pilhagem. Quando a guerra irrompe, os impulsos perinatais destrutivos e autodestrutivos são representados livremente. Os temas, que costumamos encontrar em determinado estágio do processo de investigação interna e transformação (segunda e terceira MPBs), passam, então, a fazer parte de nossa vida diária, seja de forma direta ou na forma de noticiário da tevê. Várias situações sem saída – orgias sadomasoquistas, violência sexual, comportamento bestial e demoníaco, desencadeamento de enormes energias explosivas e escatologia – que pertencem às imagens perinatais padrão – todas elas são vivenciadas em guerras e revoluções, com extraordinária vivacidade e força.

Contudo, liberar os impulsos inconscientes de violência, seja em escala individual ou coletiva, durante guerras e revoluções não resulta em transformação, como sua plena experiência consciente faria, já que o insight e sua intenção terapêutica estão desaparecidos. Assim, o objetivo da fantasia de nascimento subjacente, que representa a mais profunda força motivadora desses eventos tão violentos, não é atingido, mesmo que a guerra ou revolução seja um sucesso. Nem mesmo a vitória externa mais triunfante proporciona aquilo que era esperado e almejado – uma sensação interna de liberação emocional e renascimento espiritual. Após os sentimentos iniciais de triunfo intoxicante, vem um sóbrio despertar e a seguir uma frustração amarga. E, normalmente, não demora muito para um fac-símile, do antigo sistema opressor, começar a emergir das ruínas do sonho morto, já que as mesmas forças inconsciente continuam a operar no profundo inconsciente. Isso parece acontecer repetidas vezes na história humana, em eventos sejam eles a Revolução Francesa, a Revolução Bolchevista da Rússia ou a II Guerra Mundial.

Como conduzi trabalhos experienciais profundos, durante muitos anos, em Praga, na época em que a Checoslováquia tinha um regime Marxista, pude coletar fascinantes materiais, relativos às dinâmicas psicológicas do comunismo. Tipicamente, as questões, ligadas à ideologia comunista, emergiam no tratamento dos meus clientes, na época em que estes estavam lutando com energias e emoções perinatais. Logo se tornou óbvio que a paixão, que os revolucionários sentem por opressores e seus regimes, recebe um reforço poderoso de sua revolta contra a prisão interna de suas memórias perinatais. E, inversamente, a necessidade de coagir e dominar os outros é um deslocamento externo da necessidade de superar o medo de ser oprimido pelo próprio inconsciente. O enredo assassino do opressor e do revolucionário é, então, uma réplica externalizada da situação experienciada dentro do canal de parto.

A visão comunista contém um elemento, de verdade psicológica, que a torna atraente para um grande número de pessoas. A noção básica de que uma violenta experiência de natureza revolucionária é necessária para acabar com o sofrimento e a opressão e instituir uma situação de maior harmonia é correta, quando entendida como um processo de transformação interna. Contudo ela é perigosamente falsa quando projetada no mundo externo como uma ideologia política de revoluções violentas. A falácia está no fato de o que é, essencialmente e, em um nível mais profundo, um padrão arquetípico de morte e renascimento espiritual toma a forma de um programa ateuista e antiespiritual.

As revoluções comunistas têm sido extremamente bem-sucedidas em sua fase destrutiva, mas, ao invés da irmandade e harmonia prometidas, suas vitórias têm gerado regimes nos quais a opressão, a crueldade e a injustiça reinam com supremacia. Hoje, quando a União Soviética, economicamente arruinada e politicamente corrupta, está em colapso e o mundo comunista foi desmantelado, é óbvio, para todas as pessoas de julgamento sadio, que esse gigantesco experimento histórico, conduzido às custas de milhões de vidas humanas e sofrimentos humanos inimagináveis, foi um fracasso colossal. Se as observações acima são corretas, nenhuma intervenção externa tem chance de criar um mundo melhor, a não ser que esteja associada a uma profunda transformação da consciência humana.

As observações da moderna pesquisa de consciência também lançam uma luz importante sobre a psicologia nos campos de concentração. Há vários anos o professor Bastians, de Leyden, Holanda, vem conduzindo terapia de LSD para pessoas que sofrem da síndrome de campo de concentração, uma condição desenvolvida, anos mais tarde, em pessoas que foram prisioneiras nesses campos. Bastians também tem trabalhado com os ex-kapos em suas questões de culpa profunda. Uma descrição artística desse trabalho pode ser encontrada no livro Shivitti, escrito por um ex-recluso, Ka-Tzetnik 135633 (1989), que passou por uma série de sessões terapêuticas, com Bastians .

O próprio Bastians (1955) preparou um texto, descrevendo seu trabalho, intitulado “O homem no campo de concentração e o campo de concentração no homem”. Nele, ressaltou, sem especificar, que os campos de concentração são uma projeção de um certo domínio, que existe no inconsciente humano: “Antes de haver um homem em um campo de concentração, havia um campo de concentração no homem” (Bastians, 1955). O estudo dos estados holotrópicos de consciência possibilita a identificação do domínio da psique, ao qual Bastians se refere. Um exame mais próximo, das condições gerais e específicas nos campos de concentração nazistas, revela que eles são uma representação diabólica e realista da atmosfera de pesadelo, que caracteriza o reviver do nascimento biológico.

As cercas de arame farpado, grade de alta voltagem, torres de observação com submetralhadoras, campos minados e matilhas de cães bem treinados, sem dúvida, criavam uma imagem infernal, quase arquetípica, de uma opressiva situação sem saída e sem esperança, muito característica do primeiro estágio clínico do nascimento (II MPB). Ao mesmo tempo, os elementos de violência, bestialidade, escatologia e abuso sexual de homens e mulheres, incluindo estupro e práticas de sadismo, pertencem todos à fenomenologia do segundo estágio do nascimento (III MPB), familiar àquelas pessoas que reviveram seu nascimento.

O abuso sexual existia em nível esporádico e individual, assim como no contexto das “casas de bonecas”, instituições que ofereciam “entretenimento” para os oficiais. A única escapatória para esse inferno era a morte – por uma bala, pela fome, doenças ou asfixia nas câmeras de gás. Os livros escritos por Ka-Tzetnik 135633, “House of Dolls” (Casa de bonecas) (1955) e “Sunrise over hell” (Alvorada no inferno) (1977), oferecem uma descrição estarrecedora da vida nos campos de concentração. A bestialidade da SS parecia focalizar-se principalmente em mulheres grávidas. A natureza irracional dos campos é melhor vista nas dimensões escatológicas – jogavam pratos dentro das latrinas e pediam para serem limpos e forçavam os internos a urinarem dentro da boca dos companheiros, práticas que, além de sua bestialidade, traziam o perigo de epidemias (em Buchenwald, em um mês, vinte e um internos ficavam em fezes).

A natureza intensa, profunda e convincente de todas as experiências de violência coletiva, associadas ao processo perinatal, sugere que elas não são fabricadas individualmente, a partir de fontes como livros de aventuras, filmes e shows de tevê, mas têm origem no inconsciente coletivo. Certamente, parece que quando, em nossa exploração interna, acessamos a memória do trauma do nascimento, tal fato parece abrir os portões para o inconsciente coletivo, mediando acessos a experiência de pessoas, que uma vez tiveram situações difíceis similares. Não é difícil imaginar que o nível perinatal de nosso inconsciente, o qual “conhece” tão intimamente a história da violência humana, é, atualmente, parcialmente responsável pelas guerras,

revoluções e atrocidades similares. Se isto é verdadeiro, deveria ser possível reduzir o montante de agressão maligna por uma mudança na prática do nascimento.

O papel do trauma de nascimento, como fonte de violência e tendências autodestrutivas, tem sido confirmado por estudos clínicos. Parece haver uma importante correlação entre a dificuldade do nascimento e a criminalidade. Os dados sugerem que uma infância traumática, em si e por si própria, não é suficiente para produzir comportamento criminoso, em anos posteriores. Para ser um fator significativo nessa consideração, a traumatização pós-natal, tal como a separação da mãe, tem que ser precedido por um nascimento complicado. Também, a agressão voltada para dentro, particularmente, o suicídio, parece estar psicogeneticamente ligado à dificuldade do nascimento. De acordo com um recente artigo publicado no *Lancet*, a ressuscitação no nascimento é condutora, ao mais alto risco, de cometimento de suicídio, após a puberdade. O pesquisador escandinavo Bertil Jacobsen encontrou uma estreita relação entre a forma do comportamento autodestrutivo e a natureza do nascimento (Jacobsen e outros, 1987). Suicidas, envolvendo asfixia, foram associados com sufocação no nascimento; suicídios violentos, com traumas mecânicos no nascimento; e os droga adictos liderando em suicídios, com opiáceos e ou administração de barbitúricos, durante o trabalho.

As circunstâncias do nascimento desempenham um importante papel na criação de uma predisposição para a violência e tendências autodestrutivas ou inversamente, para o comportamento amoroso e relações interpessoais saudáveis. O obstetra francês Michel Odent (1995) demonstrou como os hormônios envolvidos no processo de nascimento e na amamentação (ocitocina, endorfina, adrenalina, noradrenalina e prolactina) participam dessa impregnação. Enquanto a ocitocina é conhecida por induzir o comportamento maternal em animais e as endorfinas promovem dependência e apego, os mecanismos da adrenalina desempenham um importante papel na evolução como mediadores do instinto protetor da agressividade da mãe, no momento em que o nascimento está ocorrendo, no meio sem proteção natural. Sob as presentes circunstâncias, não deveria ser difícil providenciar para o nascimento um quieto, salvo e privado meio que conduz a uma impressão interpessoal positiva. O ocupado, barulhento e caótico meio de muitos hospitais interferem com esse processo, induzem ansiedade e retratam um mundo, que é potencialmente perigoso e requer respostas agressivas.

Origens Transpessoais da Violência

O material acima demonstra que uma estrutura conceitual limitada à biografia pós-natal e ao inconsciente freudiano não explica adequadamente as formas extremas da agressividade humana, em escala individual e coletiva. Contudo, parece que as raízes da violência humana têm um alcance que vai além do nível perinatal da psique. A pesquisa da consciência tem revelado outras significativas fontes de agressão no

domínio transpessoal, tais como figuras arquetípicas de demônios e deidades coléricas, complexos temas mitológicos destrutivos e memórias de abuso físico e emocional de vidas passadas.

C.G.Jung acreditava que os arquétipos do inconsciente coletivo tinham poderosa influência, não apenas sobre o comportamento dos indivíduos, mas também sobre os acontecimentos da história humana. Desse ponto de vista, nações e culturas inteiras podem estar encenando importantes temas mitológicos, em seu comportamento. Na década anterior à irrupção da Segunda Guerra Mundial, Jung descobriu nos sonhos de seus pacientes alemães muitos elementos do mito nórdico de Ragnarok ou o crepúsculo dos deuses. Com base nessas observações, ele conclui que esse arquétipo estava emergindo na psique coletiva na nação germânica, que levaria a uma grande catástrofe que, no final, seria autodestrutiva.

Em várias circunstâncias, os líderes das nações fazem uso específico não só de imagens perinatais, como também de imagens arquetípicas e simbolismo espiritual, para atingir seus objetivos políticos. Foi pedido aos cruzados medievais que sacrificassem suas vidas por Jesus na guerra, que iria recuperar a Terra Santa dos maometanos. Adolf Hitler explorou os temas mitológicos da supremacia da raça nórdica e do império milenar, assim como os clássicos símbolos védicos da suástica e da águia solar. O aiatolá Khomeini e Saddam Hussein atizaram a imaginação dos seus seguidores muçulmanos, através de referências ao jihad, a guerra santa contra os infiéis.

É interessante mencionar, nesse contexto, as observações de Carol Cohn sobre o simbolismo espiritual e imaginário religioso associado à linguagem do arsenal e da doutrina nuclear. A partir de sua perspectiva feminista, Cohn encarou isso como um esforço dos homens cientistas para reivindicar o poder criativo máximo e se apropriar dele. Os autores da doutrina estratégica referem-se aos membros de sua comunidade como “irmandade nuclear”. O primeiro teste atômico foi denominado Trindade – a união de Pai, Filho e Espírito Santo, as forças masculinas da criação. Os cientistas que trabalharam na bomba atômica e testemunharam o teste descreveram-no da seguinte maneira: “Era como se estivéssemos no primeiro dia da criação”. E Robert Oppenheimer pensou nas palavras de Krishna para Arjuna no Bhagavad Gita: “Tornei-me a Morte, a Destruidora dos Mundos”.

Novos Insights dentro da Natureza da Ganância Insaciável

A interpretação psicanalítica da insaciável necessidade humana de obter, possuir e tornar-se mais do que se é atribui essa força psicológica à sublimação dos instintos inferiores. Segundo Freud (1955), “O que parece ser ... um impulso incansável em direção à perfeição pode facilmente ser compreendido como o resultado da repressão dos instintos, sobre a qual se baseia o que há de mais precioso na

civilização humana. O instinto reprimido nunca pára de se esforçar pela satisfação total, que consistiria na repetição da experiência primária de satisfação. Nenhuma formação substituta ou reativa e nenhuma sublimação são suficientes para remover a persistente tensão do instinto reprimido”.

Mais especificamente, a ganância é interpretada como um fenômeno relacionado aos distúrbios na amamentação. A frustração oral ou a causa do excesso da fixação oral e as necessidades da infância primitiva para comer – objetos incorporados oralmente – se estende na vida adulta para uma variedade de outros objetos e situações. A moderna pesquisa da consciência percebe essas interpretações como superficiais e inadequadas e encontrou origens perinatal e transpessoal adicionais, da cobiça e da ganância.

Fontes Perinatais da Ganância

No decurso da psicoterapia de orientação biográfica muitas pessoas descobrem que suas vidas têm sido sem autenticidade em determinados setores das relações interpessoais. Por exemplo, problemas com autoridade dos pais podem levar a padrões de dificuldades específicas com figuras de autoridade, padrões repetitivos de disfunção, em relações sexuais, podem ser rastreados até aos pais como modelos de comportamento sexual, questões com os irmãos podem influenciar ou distorcer futuras relações com os pares, e assim por diante.

Quando o processo de auto-exploração experiencial alcança o nível perinatal, tipicamente descobrimos que, até aquele ponto, nossa existência havia sido largamente sem autenticidade em sua totalidade, não apenas em determinados seguimentos. Percebemos, para nossa surpresa e confusão, que toda nossa estratégia de vida foi mal direcionada e, assim, é incapaz de prover satisfação verdadeira. A razão disso é o fato de ela ter sido motivada principalmente pelo medo da morte e por forças inconscientes associadas ao nascimento biológico, que não foram adequadamente processadas e integradas (nós nascemos anatomicamente, mas não emocionalmente).

Quando nosso campo de consciência é fortemente influenciado pela lembrança subjacente da luta no canal de parto, ela leva a uma sensação de desconforto e insatisfação com a situação presente. Pode ser focalizado sobre um largo espectro de questões: aparência física insatisfatória, posses e recursos materiais inadequados, pouca influência e posição social inferior; quantidade insuficiente, de poder e fama, e muitas outras. Como a criança presa no canal de parto, sentimos uma forte necessidade de alcançar uma situação melhor, que se encontra em algum lugar do futuro.

Qualquer que seja a realidade das circunstâncias atuais, nós não a achamos satisfatória. Nossa fantasia fica criando imagens de situações futuras, que parecem mais satisfatórias do que a presente. Parece que, enquanto não a alcançamos, a vida é apenas uma preparação para um futuro melhor, algo que ainda não é “a coisa verdadeira”. Isso resulta em um padrão de vida, que foi descrito como um tipo de existência de “roda viva” ou “corrida de ratos”. Os existencialistas falam de “autoprojeção”, para o futuro.

Quando a meta não é atingida, atribuímos nossa continuada insatisfação ao fracasso em alcançar as medidas de correção. Quando somos bem-sucedidos e alcançamos os objetivos de nossas aspirações, isso tipicamente não tem muita influência em nossos sentimentos básicos. A continuidade da insatisfação é então atribuída ao fato de a escolha do objetivo ter sido errada ou de o objetivo não ter sido suficientemente ambicioso. O resultado é a substituição do objetivo antigo por um diferente ou a amplificação do mesmo tipo de ambição.

De qualquer forma, o fracasso não é diagnosticado corretamente como um resultado inevitável de uma estratégia fundamentalmente errada, que em princípio é incapaz de proporcionar satisfação. Esse padrão falho, aplicado em larga escala é responsável pela irracional e imprudente busca de vários objetivos grandiosos, do que resulta muito sofrimento e muitos problemas em nosso mundo. Ele pode ser efetuado em qualquer nível de importância ou afluência, já que nunca traz a verdadeira satisfação. A única estratégia capaz de reduzir significativamente esse impulso irracional é reviver total e conscientemente e integrar o trauma do nascimento na auto-exploração interna sistemática.

Raízes Transpessoais da Ganância Insaciável

Verdadeira como pode ser, a moderna pesquisa da consciência e a psicoterapia experiencial têm descoberto que a fonte mais profunda da nossa insatisfação e luta por perfeição encontra-se além do domínio biográfico e perinatal. O desejo insaciável que guia a vida humana é de natureza transpessoal. Nas palavras de Dante Alighieri, “O desejo de perfeição é aquele desejo que sempre faz todos os prazeres parecerem incompletos, pois não há nesta vida alegria ou prazer grande o suficiente, para satisfazer a sede de nossa alma”. No sentido mais geral, as raízes transpessoais mais profundas da ganância insaciável podem ser melhor compreendidas, através dos termos do conceito elaborado por Ken Wilber (1980), do Projeto Atman. De acordo com essa compreensão, nossa verdadeira natureza é divina e tem sido chamada por diferentes nomes – Deus, Cristo Cósmico, Alá, Buda, Brahman, o Tao – e embora o processo de criação nos separe e aliene de nossa fonte, a percepção desse fato nunca é totalmente perdida. A força motivadora mais profunda na psique humana, em todos os níveis da evolução da consciência, é o anseio de retornar à experiência de nossa divindade. Contudo, as condições constrangedoras dos consecutivos estágios de

desenvolvimento não permitem a experiência plena de completa liberação espiritual em e como Deus.

A verdadeira transcendência requer a morte do ser separado, morrendo para o sujeito exclusivo. Por causa do medo de aniquilação e apego ao ego, temos que nos acomodar aos substitutos do Atman, que são específicos, para cada estágio particular. Para uma criança, é a satisfação dos impulsos fisiológicos básicos e específicos da idade. Para o adulto, o espectro de possíveis projetos Atman é muito amplo e incluem, além de comida e sexo também dinheiro, fama, poder, aparência, conhecimento e muitas outras coisas. Em decorrência de nossa profunda sensação de que nossa verdadeira identidade é a totalidade da criação cósmica e o princípio criativo em si, substitutos de qualquer grau e escopo – os Projetos Atman – sempre permanecerão insatisfatórios. Apenas a experiência da própria divindade, em um estado holotrópico de consciência, poderá satisfazer nossas necessidades mais profundas. Assim, a solução derradeira para a ganância insaciável está no mundo interior, não nas perseguições seculares de qualquer tipo ou escopo. Isso pode ser ilustrado pela seguinte citação de Traherne, descrevendo uma experiência mística:

“As estradas eram minhas, o templo era meu,
as pessoas eram minhas. Os céus eram meus,
e então o sol, a lua e as estrelas e todo o mundo eram meus
e eu era o único espectador e apreciador dele.
Eu não conheci as rudes propriedades,
sem limites, sem divisões;
mas todas propriedades e divisões eram minhas;
todos tesouros e donos deles.
De maneira que sem mais nem menos fui corrompido
e fiz por aprender o sujo propósito desse mundo,
o qual agora desaprendi e tornei-me como era,
uma pequena criança novamente,
que possa entrar dentro do reino de Deus”.

Abordagens Experienciais Facilitando a Transformação Pessoal Profunda e a Evolução da Consciência

A descoberta de que as raízes da violência humana e da ganância insaciável vão muito além do que a psiquiatria acadêmica pode suspeitar e de que seus reservatórios na psique são verdadeiramente enormes poderia, em si e por si, ser muito desanimadora. Contudo, ela é contrabalançada pela empolgante descoberta de novos mecanismos terapêuticos e potenciais transformadores que se tornam disponíveis em estados holotrópicos, nos níveis perinatal e transpessoal da psique.

Através dos anos, tenho visto profundas curas emocionais e psicossomáticas, assim como transformações radicais de personalidade, em muitas pessoas que se envolveram na busca interior séria e sistemática. Algumas dessas pessoas meditavam e tinham uma prática espiritual regular, outras tinham sessões psicodélicas supervisionadas ou participavam de várias formas de psicoterapia experiencial ou de auto-exploração. Como faziam conscientemente, enfrentando e integrando seqüências de experiências perinatais e transpessoais, suas personalidades tipicamente passavam por mudanças radicais.

Como o conteúdo do nível perinatal do inconsciente é trazido para a consciência, o nível de agressão tipicamente diminui; e as pessoas se tornam mais pacíficas, mais à vontade consigo próprias e mais tolerantes com as outras. A experiência do renascimento psicoespiritual e a conexão com as memórias positivas do pós-natal ou memórias do pré-natal reduzem os impulsos irracionais e ambições e realça a habilidade de apreciar as circunstâncias presentes da vida (atividades diárias, natureza, música, amor erótico). Experiências de unidade cósmica e da divindade no próprio indivíduo reduz mais o impulso irracional, trazendo o senso de maravilhamento e a habilidade para amar, abrindo as fontes profundas da criatividade. A mais consistente consequência da experiência profunda da auto-exploração é a emergência da espiritualidade universal da natureza mística, que está baseada na experiência pessoal.

Os estados holotrópicos de consciência oferecem ainda, possibilidades mais excitantes de mudanças evolucionárias positivas, na forma de identificação experiencial com outras pessoas, grupos humanos inteiros, animais, plantas e, até mesmo, materiais inorgânicos e processos da natureza. Outras experiências poderiam proporcionar acessos experienciais a eventos ocorridos em outros países, culturas e períodos históricos e, até mesmo, nos reinos mitológicos e em seres arquetípicos do inconsciente coletivo de Jung. O fato de que essas experiências podem conter acuradas informações, sobre várias dimensões da existência, muito além do que o indivíduo tem obtido em seu tempo de vida, através dos canais convencionais, prova que eles são autênticos.

Isto sugere que, num nível mais profundo, cada psique individual está intimamente conectada com o restante do Cosmos e, num certo sentido, está de fato comensurada com ele. Desse modo, a moderna pesquisa da consciência confirma a tese básica dos antigos Upanishads indianos de que cada um de nós, em última análise, é idêntico à totalidade da existência e ao princípio criativo do universo. Um indivíduo não é apenas um corpo egóico, mas é também o princípio cósmico supremo (Atman-Brahman).

As observações acima, da psicologia transpessoal, têm estendido longe a sua influência nas implicações práticas e teóricas para a área de nossa discussão. As

peças, que acessam de forma experiencial a área perinatal de seu inconsciente, têm uma oportunidade única de trazer para a consciência profundas energias destrutivas e autodestrutivas e emoções perturbadoras, que estão armazenadas nesse domínio da psique humana, que vêm para serem vivenciadas e integradas. Elas também descobrem dentro de si próprios a espiritualidade profunda, de uma natureza toda compassiva e universal. Como um resultado de tal espiritualidade, sentem um aumento de paz mais interna, auto-aceitação, tolerância em relação aos outros e aceitação das diferenças.

Essas mudanças aprofundam e se estendem indo além quando o processo de autodescoberta experiencial alcança o nível transpessoal. O que se inicia como sondagem psicológica da psique inconsciente, agora, automaticamente se torna uma questão filosófica para o significado da vida e uma jornada de descoberta espiritual. As pessoas que conectam o domínio transpessoal da psique tendem a desenvolver uma nova apreciação pela existência e reverência por toda vida. Uma das mais notáveis conseqüências de várias formas de experiências transpessoais é a emergência espontânea e desenvolvimento da preocupação ecológica e humanitária profunda. Está baseada em uma quase consciência celular que os limites no universo são arbitrários e que cada um de nós é idêntico à rede inteira do Ser. Está subitamente claro, que não podemos fazer nada à natureza sem, simultaneamente, fazer para nós próprios. As diferenças entre as pessoas pareciam ser interessantes e enriquecedoras, ao invés de ameaçadoras, fossem elas relativas a sexo, raça, cor, língua, convicção política ou crença religiosa. É óbvio, que uma transformação desse tipo pode aumentar nossas chances de sobrevivência, se ela puder ocorrer em uma escala suficientemente grande.

Psicologia Transpessoal, Pesquisa da Consciência e Crise Global

Alguns dos insights de pessoas experienciando estados holotrópicos de consciência estão diretamente ligados à atual crise global e sua relação com a evolução da consciência. Eles mostram que nós exteriorizamos no mundo moderno muito dos temas essenciais do processo perinatal, que uma pessoa envolvida em profunda transformação pessoal precisa encarar e resolver internamente. Os mesmos elementos que podemos encontrar no processo de morte e renascimento psicológicos de nossas experiências visionárias aparecem no noticiário noturno, diariamente. Isso é verdadeiro principalmente em relação aos fenômenos, que caracterizam a III MPB.

Certamente podemos ver o enorme desencadeamento de impulsos agressivos em muitas guerras e levantes revolucionários em todo o mundo, no aumento da criminalidade, do terrorismo e das revoltas raciais. Comportamentos e experiências sexuais estão tomando formas sem precedentes, como as manifestadas nas liberdades sexuais dos mais jovens, promiscuidade, casamentos abertos, livros, peças

de teatro e filmes declaradamente sexuais, liberação gay, experimentação sadomasoquista e muitas outras. O elemento demoníaco está também se tornando cada vez mais manifesto, no mundo moderno. O renascimento dos cultos satânicos e feitiçaria, a popularidade dos livros e filmes de horror, com temas ocultos e crimes com motivação satânica, atestam esse fato. A dimensão escatológica é evidente na progressiva poluição industrial, acumulação de produtos residuais numa escala global e as condições higiênicas deteriorando rapidamente, nas grandes cidades.

Muitas das pessoas, com quem já trabalhamos, viram a humanidade em uma encruzilhada crítica ou em face da aniquilação coletiva ou de um salto evolutivo da consciência, com proporções sem precedentes. Terence McKenna (1992) colocou, de forma bem sucinta: “A história do macaco bobo acabou, de uma forma ou de outra”. Parece que estamos todos coletivamente envolvidos em um processo semelhante à morte e renascimento psicológico, que muitas pessoas experienciaram, individualmente, em estados holotrópicos de consciência. Se continuarmos a atuar as problemáticas tendências destrutivas e autodestrutivas, que têm origem nas profundezas do inconsciente, sem dúvida destruiremos a nós mesmos e à vida no planeta. Porém, se conseguirmos internalizar esse processo em uma escala suficientemente grande, isso poderá resultar em um progresso evolutivo, que poderá nos levar muito além da nossa atual condição de primatas. Por mais utópica que pareça, a possibilidade de tal desenvolvimento pode ser nossa única chance real.

Olhemos agora para o futuro e exploremos como os conceitos que surgiram a partir da pesquisa da consciência, do campo transpessoal e do novo paradigma da ciência podem ser postos em ação, no mundo. Embora as realizações do passado sejam bastante impressionantes, as novas idéias ainda formam um mosaico desarticulado, ao invés de uma visão de mundo completa e compreensiva. Faz-se necessário muito trabalho em termos de acumular mais dados, formular novas teorias e concluir uma síntese criativa. Além disso, a informação existente precisa alcançar um público muito maior, antes que se possa esperar um impacto significativo, sobre a situação mundial.

Mas mesmo uma radical mudança intelectual para um novo paradigma, em grande escala não seria suficiente para aliviar a crise global e reverter o curso destrutivo em que nos encontramos. As forças enraizadas tão profundamente quanto estão no inconsciente, impulsionando esse círculo vicioso, poderiam duramente ser neutralizadas pelas mudanças das estruturas cognitivas e uma nova visão de mundo. De preferência, o que é requerido é uma profunda transformação emocional e espiritual da humanidade. Usando a evidência existente, é possível sugerir certas estratégias, que podem facilitar e apoiar cada processo.

Os esforços para modificar a humanidade teriam de começar com a prevenção psicológica em uma idade precoce. Os dados da psicologia pré-natal e perinatal

indicam que poderíamos conseguir muito, através da mudança das condições de gravidez, parto e cuidados pós-natais – melhorando a preparação emocional da mãe durante a gravidez, praticando o parto biológico e enfatizando no período pós-parto a nutrição emocional do contato entre a mãe e a criança.

Muito tem sido escrito sobre a importância da criação, assim como sobre as desastrosas conseqüências emocionais de condições traumáticas, durante a primeira infância e infância. Certamente, essa é uma área na qual a educação e acompanhamento contínuos são necessários. Contudo, para poder aplicar os princípios teóricos que são conhecidos, os próprios pais precisam alcançar suficiente estabilidade emocional e maturidade. É de conhecimento geral que os problemas emocionais são passados como uma praga, de geração para geração. Estamos perante um complexo problema do ovo e da galinha.

A psicologia humanista e a transpessoal desenvolveram métodos eficazes de auto-exploração, cura e transformação da personalidade. Alguns deles provêm das terapias tradicionais, outros representam adaptações modernas de práticas espirituais antigas. Tais abordagens ocorrem com uma proporção muito favorável, entre ajudantes profissionais e clientes, e há outras que podem ser praticadas no contexto de grupos de auto-ajuda. Quando esse trabalho é sistemático, ele pode levar à abertura espiritual e também tomar uma direção altamente necessária em nível coletivo, para que nossa espécie sobreviva.

Finalmente, é essencial difundir as informações sobre essas possibilidades e conseguir que um número suficiente de indivíduos se interesse, pessoalmente, em seguir esses objetivos.

Parecemos estar envolvidos em uma corrida dramática contra o tempo, sem precedentes em toda a história da humanidade. O que está em jogo não é nada menos do que o futuro da vida, no planeta. Se continuarmos com as antigas estratégias, que têm claras conseqüências extremamente autodestrutivas, é improvável que a espécie humana sobreviva. Contudo se um número suficiente de pessoas passar por um processo de profunda transformação interna, talvez seja possível alcançar um nível de evolução da consciência no qual possamos merecer o nome suntuoso, que demos a nossa espécie: *Homo sapiens* – i.e., humanos sábios.

Referências Bibliográficas

- Ardrey, R. (1961). *African Genesis*. New York: Atheneum.
- Bastians, A. (1955). "Man in the Concentration Camp and the Concentration Camp in Man." Unpublished manuscript. Leyden, Holland.
- Cohn, Carol. (1987). Sex and death in the rational world of the defense intellectuals. *Journal of Women in Culture and Society*, 12, 687-718.

Darwin, Charles. (1952). *The Origin of Species and the Descent of Man*. In *Great Books of the Western World*. Chicago: Encyclopedia Britannica. (Originally published, 1859.)

Dawkins, Richard. (1976). *The Selfish Gene*. New York: Oxford University Press.

deMause, Lloyd. (1975). The independence of psychohistory. In *The New Psychohistory*. New York: The Psychohistory Press.

deMause, Lloyd. (1982). *Foundations of Psychohistory*. New York: Creative Roots.

deMause, Lloyd. (1996). Restaging early traumas in war and social violence [reprinted on this site; click link to view]. *The Journal of Psychohistory*, 23(4), 344-392.

Dollard, J., Miller, N. E., et al. (1939). *Frustration and Aggression*. New Haven: Yale University Press.

Freud, Sigmund. (1955). *Beyond the Pleasure Principle*. The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud, Vol. 18, (J. Strachey, ed.). London: The Hogarth Press & The Institute of Psychoanalysis.

Fromm, Erich. (1973). *The Anatomy of Human Destructiveness*. New York: Holt, Rinehart & Winston.

Grof, Stanislav. (1975). *Realms of the Human Unconscious*. New York: Viking Press.

Jacobson, Bertil, et al. (1987). Perinatal origin of adult self-destructive behavior. *Acta psychiat. Scand.* 76, 364-371.

Ka-Tzetnik 135633. (1955). *The House of Dolls*. New York: Pyramid Books.

Ka-Tzetnik 135633. (1977). *Sunrise Over Hell*. London: W. A. Allen.

Ka-Tzetnik 135633. (1989). *Shivitti: A Vision*. San Francisco: Harper & Row.

Keen, Sam. (1988). *The Faces of the Enemy: Reflections of the Hostile Imagination*. San Francisco: Harper.

Lorenz, Konrad. (1963). *On Aggression*. New York: Harcourt, Brace & World.

MacLean, Paul. (1973). A triune concept of the brain and behavior. Lecture I: Man's reptilian and limbic inheritance; Lecture II: Man's limbic system and the psychoses; Lecture III: New trends in man's evolution. In T. Boag and D. Campbell (Eds.), *The Hincks Memorial Lectures*. Toronto: University of Toronto Press.

McKenna, Terence. (1992). *Food of the Gods: The Search for the Original Tree of Knowledge*. New York: Bantam Books.

Morris, Desmond. (1967). *The Naked Ape*. New York: McGraw-Hill.

Odent, Michel. (1995). Prevention of violence or genesis of love? Which perspective? Presentation at the Fourteenth International Transpersonal Association Conference. Santa Clara, California, June 1995.

Tinbergen, Nikolaas. (1965). *Animal Behavior*. New York: Time-Life.

Wilber, Ken. (1980). *The Atman Project: A Transpersonal View of Human Development*. Wheaton, IL: The Theosophical Publishing House.

Copyright © 1996 by Stanislav Grof

* Este artigo foi originalmente publicado no *Primal Renaissance: The Journal of Primal Psychology*, Vol. 2, No. 1, Primavera de 1996, pp. 3-26. Tinha sido apresentado na 13ª Conferência da International Transpersonal Association, intitulada



“Espiritualidade, Ecologia e Sabedoria Nativa”, a qual foi realizada em Killarney, Ireland, em Junho de 1994.